



Comunicação COVID19

Ponto de situação 3 de Maio

**(Dados divulgados às 14:48-
2.48 h. depois da hora normal)**

Domingo, 3 de Maio de 2020

INFETADOS CONFIRMADOS

25.282 CASOS DE COVID-19

MAIS 92 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 0,36 %



ÓBITOS

1.043 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 20 VÍTIMAS MORTAIS (+1,95%)

NORTE-597

CENTRO-209

LISBOA E VALE DO TEJO-210

ALENTEJO-1

ALGARVE-13

AÇORES-13

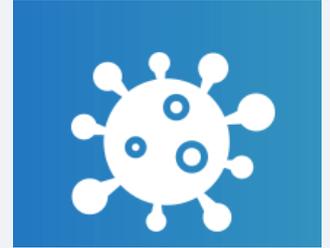
MADEIRA-0

1.689 CASOS DE RECUPERAÇÃO

3.691 AGUARDAM RESULTADOS

252.889 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 DE JANEIRO

856 INTERNADOS (3,38%) / 142 UCI (0,56%)



Portugal entrou às 00:00 de hoje em situação de calamidade

Domingo de calor. IPMA assinala "risco elevado" de incêndio nos distritos de Beja e Faro.

Bruxelas recomenda máscaras nos voos, mas abdica de lugares vazios.

Comissão Europeia desaconselha viagens para fora da UE até fim do ano.

Administradores financeiros (CFO) das empresas portuguesas apontam entre 3 meses a 1 ano para regresso à normalidade, PWC.



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



Metade das pessoas sem sintomas testam positivo para a covid-19. Inquérito a 11 mil portugueses mostra que maioria dos infetados eram pessoas que nunca tiveram sintomas.

As regras para voltar ao cabeleireiro ou ao dentista a partir de amanhã. Longe dos filhos e sem afectos: ser mãe em tempos de covid-19. P2. Alice, António e Guiomar. Histórias que os números do desemprego não contam. Reprogramação do Portugal 2020 avança até ao Verão. Como o Daesh se está a tentar reerguer à boleia da pandemia. PS fechou o ano com lucro de 572 mil euros nas contas. Calatrava interessado em urbanizar quinta senhorial no Barreiro. Empresa do arquiteto espanhol é uma das duas concorrentes à compra da Quinta Braamcamp, no Barreiro, por mais de cinco milhões. Providência cautelar tenta travar concurso, mas município argumenta com importância do investimento em tempo de crise da Covid-19. **(Online)– Andrew Solomon: “Nunca houve uma taxa tão alta de depressão”.** Com a pandemia gerada pelo novo coronavírus veio uma outra pandemia: um ataque à saúde mental sem precedentes. “É como estar em ação militar sem qualquer treino”, diz o autor do best-seller O Demónio da Depressão. Tesouras desinfetadas, intervalos e avisos. As regras para voltar ao cabeleireiro ou ao dentista. Ministério vai renovar os contratos feitos com profissionais de saúde durante a pandemia. Detidas 136 pessoas durante o terceiro estado de emergência, que acaba esta noite. Crianças com mais de seis anos e educadores vão ter de usar máscara nos estabelecimentos educativos. Acidentes na estrada baixaram ainda antes do estado de emergência.



(Online) Cientistas portugueses já sequenciaram mais de 370 genomas do novo coronavírus.

Remdesivir, o medicamento antiviral que é a aposta dos EUA no combate ao covid-19. Coronavírus desperta medos dez anos após o primeiro resgate grego. Moro presta depoimento

à polícia em novo round contra Bolsonaro. Nova porta-voz de Trump garantiu não mentir. Promessa durou minutos. Boris Johnson apresenta o filho. E o nome é uma homenagem aos médicos que o salvaram.



Igreja abre guerra contra Costa e Marcelo. 1º de maio cheio e Fátima um deserto gera revolta. Só 15% contraem vírus no trabalho. Turismo.

Desinfecção dos quartos, máscaras e controlo nas piscinas. Reabertura amanhã. CM revela todas as regras para o início da atividade do comércio. Lojas até dez trabalhadores terão apoio a fundo perdido. Atropela polícias e morre em ravina. Da do trabalhador. Rio diz que Alameda “foi uma vergonha”.



Câmaras multadas por divulgarem nomes e moradas de infetados nas redes sociais. Abusos. Proteção de dados investiga e abre processos a autarquias. Provedoria. Lares, teletrabalho e

preços especulativos originam centenas de queixas. Comércio. Estado apoia reabertura com 80% a fundo perdido. Avós. Famílias indecisas sobre reencontro. Notícias Magazine. Amor de mãe não é cego. Aeroporto. Norte volta a levantar a voz contra corte de voos previstos pela TAP. Medicamentos. Três milhões de euros num mês para dormir. Sondagem Pitagórica/JN/TSF. Rui Rio cai e fica ainda mais longe de António Costa. Degolou tios-avós para furtar carro e dinheiro da droga.



Aviões com lotação reduzida. Viagens para fora da UE desaconselhadas até ao final do ano. Detidas 428 pessoas por

desobediência desde 22 de março. Participações de violência doméstica caíram, mas números estão longe de significar que o fenómeno esteja a regredir.



(Online) Companhias aéreas estão a ser resgatadas pelos Estados.

Lisboa 71-3 Porto: Movimento de Rui Moreira ataca a “insultuosa” TAP. Governo impõe limite de dois terços à lotação dos aviões. Amazonas pede ajuda a António Costa. Mundo faz fila junto a tecnológica de Braga no ataque

à covid-19. A Edigma garante que o seu sistema de gestão de filas de espera dentro e fora das lojas “está a ser procurada a nível mundial por centenas de empresas” para o combate à pandemia e o medo dos consumidores. Um terço dos infetados contraiu o vírus em casa e 37% em lares.



(Edição)- Quase 20% do PIB passou por Belém em mês e meio. Marcelo recebeu banqueiros, gestores e empresários.

Retalhistas querem perdão de rendas. Administradores financeiros apontam entre três meses a um ano para regresso à normalidade. easyJet está preparada para voar. Mas a “aviação europeia enfrenta futuro precário”. **Do Ceia nascem os primeiros 100 ventiladores. “Desenvolver um produto para salvar vidas é um projeto repleto de paixão”.** Autarcas a Norte querem intervenção do Governo na TAP. Depois de se saber que a TAP reabrirá a atividade com três voos a partir do Aeroporto Sá Carneiro, os autarcas a Norte exigem que a situação seja corrigida logo que o Governo “assuma de vez” a gestão. Apostas online cresceram 50% em Portugal no primeiro trimestre.



(Online) Marta Temido assume “possibilidade” de celebrações em Fátima. Táxis e TVDE têm de colocar proteção entre condutor e passageiros. Rui Rio põe em causa dados oficiais da Covid-19

após denúncia de erro da DGS por Salvador Malheiro.



(Online)- CORONAVÍRUS “Governo vai dar apoios ao comércio para adaptações”. “Portugal tem níveis de higiene e segurança dos melhores do mundo”, diz ministro da Economia. Já há ganadeiros em dificuldades financeiras. CTP. País “precisa de uma

TAP pujante e forte”. “Recuperação só com dívida terá efeito fatal na economia”, Nuno Gaioso Ribeiro, sócio-fundador da Capital Criativo e presidente da Associação Portuguesa de Capital Risco. Estado enfrenta batalha legal se não negociar indemnizações a PPP.



(Online)- “Este não é um vírus mansinho, traz complicações”. Rui Sarmento e Castro dirige o serviço de infeciologia no

Hospital de Santo António, onde foi confirmado o primeiro caso em Portugal. Em entrevista, fala dos erros iniciais e de um SNS fragilizado. Os meus filhos vão ter de usar máscara. E agora? Nos centros comerciais, pouco vai ficar fechado. Empresas têm de retomar atividade em oito dias para não perderem direito ao layoff. Encostado, Bolsonaro recorre à "política velha". Abandonado pelos aliados, que já querem o seu impeachment, Bolsonaro vira-se para dois caminhos que nunca pensou cruzar: o "toma lá, dá cá" no Congresso e o apelo ao eleitorado das favelas. Resultará? Quimioterapia atrasada, radioterapia adiada e um transplante por marcar. O impacto preocupante nos doentes com cancro. Casa Branca não quer que Fauci fale no Congresso. CIP. "Governo, finalmente, a agir no bom sentido".



(Online) Santuário "apanhado de surpresa" com declarações da ministra da Saúde.

Procura por produtos de agricultura local mais que triplica. É a vacina que nos vai salvar? Esta história começou há 1000 anos. Chegou a "pãodemia". Como fazer o melhor pão, em sua casa. A desvalorização da polémica do 1º de Maio, a boa notícia para os católicos, as contratações do SNS e outros anúncios da ministra. Patriarcado não comenta missa em que padre arrasa o Governo: a "geringonça manda no país" e por causa dela "Fátima fica deserta no dia 13". Hospitais defendem redução da resposta à covid-19 - equipas e camas fazem falta para tratar os outros doentes. Covid-19. Lay-off: uma 'fisga' transformada em 'bazuca'. Um "desastre épico" na Casa Branca e o receio de uma ditadura a partir do Planalto: Trump e Bolsonaro aguentam-se depois da covid?



Terminou o estado de emergência. Aviões terão lotação reduzida.

Desde 22 de março foram detidas mais de 400 pessoas por desobediência.



(Online)- Comissão Europeia desaconselha viagens para fora da UE até fim do ano.

SÁBADO

“O preconceito com o teletrabalho caiu muito nestas semanas”.

Universitários queixam-se de propinas a mais e de aulas a menos. Marta Temido admite possibilidade de celebrações do 13 de maio em Fátima.

VISÃO

Torniquetes à entrada ou zonas só a pagar? Como está a ser preparada a abertura das praias. Covid-19: Casos de reinfeção podem, afinal, ser falsos positivos. Covid-19: Coima mínima de 120 euros para quem não usar máscaras nos transportes públicos.



Portugal entra em situação de calamidade. Todos têm o "dever cívico de recolhimento domiciliário". PS sobe nas intenções de voto, Chega desce, mas ainda é quarto.



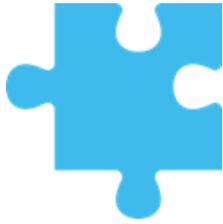
“Estou ansiosa para ver isto acabar”. O desabafo de Mónica, uma mãe na linha da frente e longe das filhas. Marcelo pede apoio transparente e não discriminatório à comunicação social. "A bem da saúde pública". Cardeal patriarca apela ao cumprimento da suspensão das celebrações comunitárias. D. Manuel Clemente destaca a necessidade de manter a suspensão até ao fim de maio.



Instituições querem "apontar uma data" para retomar visitas aos idosos. Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS).

A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- Mais de 243.000 mortos entre cerca de 3,4 milhões de infetados no **MUNDO**
– AFP.
- **ESPANHA** regista 164 óbitos nas últimas 24 horas, o número mais baixo desde 18 de março.
- **ITÁLIA** registou mais 474 mortes e aproxima-se das 29 mil.
- **FRANÇA** tem um total de 24.760 vítimas mortais e prolonga estado de emergência sanitária até 24 de julho.
- **ALEMANHA** volta a registar menos de 100 mortos em 24 horas. Total de 6.649 vítimas mortais.
- **REINO UNIDO** regista mais 621 mortos e supera os 28 mil.
- **Governo britânico** delineou estratégia para lidar com possível morte de Boris Johnson.
- **EUA** registam mais 1.453 mortos nas últimas 24 horas. No total, 66.224 pessoas morreram nos Estados Unidos.
- **BRASIL** regista 421 mortes por covid-19 em 24h, e número de óbitos atinge as 6.750 vítimas.
- **CHINA** regista dois casos de infeção nas últimas 24 horas.
- Número de mortos em **ÁFRICA** sobe para 1.754 em mais de 42 mil casos.
- Contágios e mortes continuam a diminuir na **BÉLGICA**. Total de 7.844 óbitos.
- **RÚSSIA** registou hoje 10.633 casos, o maior número num único dia.
- **Jornalistas turcos** denunciam prisão de 12 repórteres num mês

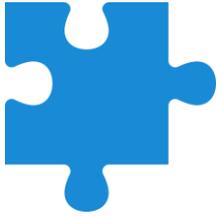


FRASES DO DIA

- **“ Em nome do pluralismo e da liberdade de imprensa, o Estado pode e deve estar atento e apoiar a sustentabilidade dos media de forma transparente e não discriminatória; assim como salientar que todos os que defendemos a liberdade e a democracia devemos combater o discurso anti mediático levado a cabo por tantos, incluindo responsáveis políticos de nível mundial, e que só semeia confusão e alimenta populismos”,** Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República.
- **“Se essa for a opção de quem organiza as celebrações, de organizar uma celebração do 13 de maio onde possam estar várias pessoas, desde que sejam respeitadas as regras sanitárias, isso é uma possibilidade”,** Marta Temido, Ministra da Saúde.
- **“Sabemos que o fim do estado de emergência não significou o fim da pandemia e do grande perigo de ela alastrar, se não mantivermos o cuidado necessário. O Governo não autorizou celebrações religiosas em geral até ao fim deste mês; e o Santo Padre pediu para todos nós a graça da prudência e da obediência às orientações oficiais, para que a pandemia não regresse”,** D. Manuel Clemente, Cardeal Patriarca de Lisboa.
- **“Já se percebeu que Portugal sofre de dois problemas profundos: a falta de previsão e as falhas de organização. (...) Fazer uma revolução e alterar**

os modelos de turismo e viagem, como tantos propõem; nacionalizar a banca e as grandes empresas privadas; liquidar o ensino privado; privatizar os últimos serviços públicos; e estabelecer o rendimento mínimo universal e incondicional, nada disto resolve os problemas dos cidadãos, nem corrige os verdadeiros defeitos postos a nu”, António Barreto, Sociólogo.

- **“Acho que em muitos países, incluindo Portugal, os políticos quiseram mostrar que estava a atuar, que eram decididos, e tomaram muitas decisões com base em muito poucas provas científicas” (...)** Não devemos contar os mortos agora porque é demasiado cedo. Daqui a um ano, conseguimos começar a ver quantas pessoas morreram da infeção pela covid-19 e não penso que vá haver grandes diferenças entre os países europeus.”, Johan Giesecke, médico e epidemiologista sueco, consultor da Agência de Saúde Pública da Suécia.
- **“Não importa que tipo de desastre eles enfrentam. A única coisa que aprendem é a utilizar o seu poder autoritário para manipular a narrativa”,** Ai Weiwei, artista plástico.
- **“Agora, em confinamento, a mãe consegue ser tão mais mãe, ainda – consegue trabalhar, cuidar, dar colo, mimar, educar, ensinar e proteger e proteger – que nunca é demais dizer-lhe: “Obrigado, mãe!”**”, Eduardo Sá, Psicólogo.
- **“Os europeus foram um pouco ingénuos com a China no passado.”**, Josep Borrell, Alto-representante da União Europeia para a Política Externa.



ARTIGOS SELECIONADOS

DICIONÁRIO DA COVID-19, AS PALAVRAS QUE QUEREMOS DEIXAR DE DIZER

A covid-19 mudou as nossas vidas e o nosso vocabulário também. Usamos novas palavras e expressões, outras ganharam novos significados, outras passaram a fazer parte do nosso dia-a-dia como nunca. Será que um dia vai ser publicado um dicionário da pandemia? O PÚBLICO apresenta um, com algumas das principais palavras que a pandemia colocou no nosso linguajar.

Passaram dois meses desde que o primeiro caso da covid-19 foi detetado em Portugal (2 de março). Dias em que as nossas vidas sofreram alterações profundas. Mudamos de hábitos, mudamos as formas de convívio, nunca tantos ficaram tanto tempo em casa. Ao nosso vocabulário chegaram novas palavras e expressões. Outras passaram a ser utilizadas com uma regularidade nunca vista e, ainda outras, ganharam novos significados.

Palavras que certamente vamos continuar a usar nas nossas conversas, agora que vamos entrar no que muitos chamam de “novo normal”, mas que queremos deixar de as dizer o mais depressa possível. O PÚBLICO elaborou um dicionário com as principais palavras e expressões que passaram a fazer parte das nossas vidas.

Achatar a Curva

Quando os números de infetados com covid-19 começaram a subir em Portugal a directora-geral de saúde soltou a frase: “É preciso achatar a curva”. Ou seja: a era

necessário de adotar medidas preventivas que fizessem com que o número de infetados ficasse estável, de forma a que o sistema de saúde não entrasse em colapso. É um gráfico com uma onda alta e com outra mais baixa e mais estendida no tempo, com uma linha traçada a servir de teto a esta última. O tal teto representa a capacidade de resposta dos serviços de saúde e significa, quando ultrapassado, o colapso. E quando o número de infetados estabilizar entramos em planalto, uma das palavras que ganhou uma nova utilização.

Assintomático

Paciente que é portador de uma doença ou infeção, mas não exhibe sintomas. Segundo um recente estudo publicado na revista Science, pessoas assintomáticas de todo o mundo foram, em meados de março, responsáveis por dois terços das infeções. É também uma palavra que “engasga” muitos portugueses que prestam declarações às televisões e rádios. “Assimático” e “assuntumático” foram duas das versões já ouvidas.

Cerca Sanitária

Cidade, vila ou lugar onde a doença se espalhou na comunidade. Tudo o que não seja serviço essencial encerra, os habitantes só podem adquirir bens de primeira ordem, ou ir ao médico e ninguém entra ou sai do local sem uma razão válida. Até agora existiram três cercas sanitárias em Portugal: a primeira em Ovar, a segunda em todas as seis freguesias na ilha de São Miguel, nos Açores, e a terceira na freguesia de Câmara de Lobos, no Funchal.

Confinamento

Já estamos fartos, mas continua a ser necessário. Os que estão infetados ou esperam por resultado do teste são obrigados a ficar na habitação e isolados numa assoalhada. Ficam numa quarentena – outra palavra que passámos a usar com muita frequência – de 14 dias. Os restantes portugueses, devem ficar em casa, se puderem, e só sair para comprar bens essenciais, ir ao médico ou ir trabalhar. Nos últimos dias tem ganhado peso a palavra desconfinamento, ou “o regresso ao novo normal”, como muitos afirmam.

"Coronabonds"

Foi por causa deles que Costa se “pegou” como ministro das Finanças holandês. Começaram por se chamar eurobonds, mas rapidamente passaram para coronabonds. São obrigações ou títulos de dívida europeus, que permitem empréstimos entre países. Estados a pedirem emprestado a outros Estados, com a certeza de que, se não conseguirem pagar, alguém no grupo garante a conta mutualização do risco da dívida pública ou emissão de títulos conjuntos.

Coronavírus

Os coronavírus pertencem à família Coronaviridae que integra vírus que podem causar infeção na humanidade, noutros mamíferos (por exemplo nos morcegos, camelos, civetas) e nas aves, explica a DGS. Até à data, conhecemos oito coronavírus que infecta e podem causar doença na população humana.

Covid-19

A Organização Mundial da Saúde é madrinha. O nome da doença resulta das palavras “Corona”, “Vírus” e “Doença” com indicação do ano em que surgiu (2019). “O bicho”, assim lhe chamam popularmente alguns portugueses.

Distância social

Sinais dos tempos: nas superfícies comerciais, nas ruas junto às mercearias de bairros e em locais de atendimento ao público foi colocada sinalética a dizer onde nos devemos colocar enquanto esperamos. Ao falar, tossir ou espirrar soltamos gotículas, o vírus circula no ar e, por isso, devemos estar afastados uns dos outros pelo menos dois metros. Pior é não nos pudermos abraçar, ou beijar, mas de certeza que os portugueses estão a anotar todos os mimos que não puderam dar para se vingarem quando tudo isto passar.

Estado de Emergência

Nunca em 46 anos democracia tinha sido usado um dos pressupostos do 19º artigo da Constituição, que permite suspensão de alguns direitos dos cidadãos. Em pouco mais de um mês, foi declarado por três vezes. Terminou na madrugada de hoje e deu lugar ao estado de calamidade, mas a palavra de ordem continua a ser “se puder fique em casa”.

Gel desinfetante

Em primeiro lugar um alerta: nunca beba ou injete qualquer tipo de gel, como sugeriu o presidente dos Estados Unidos. O gel desinfetante foi dos primeiros produtos esgotar nas farmácias e supermercados e passou a fazer parte do nosso dia-a-dia. Os portugueses aprenderam mesmo a fazê-lo em casa, misturando

álcool etílico a 70º com um gel perfumante. “Passa aí o gel.” Quantas vezes já usou esta frase? Já agora, não deixe de lavar as mãos várias vezes ao dia daquela forma artística recomendada pela DGS.

Lay-off

Segundo António Saraiva, presidente da CIP, revelou na sexta-feira (1 de maio) Portugal tem neste momento 800 mil trabalhadores em lay-off e 97% destes trabalhadores são de micro e pequenas empresas. A medida permite aos empregadores, de forma unilateral, suspender os contratos de trabalho ou reduzir os períodos normais de trabalho dos seus trabalhadores, mediante pagamento de uma compensação retributiva comparticipada em forma de apoio financeiro, por trabalhador. Neste período as empresas não podem despedir trabalhadores, que, em lay-off total, apenas recebem dois terços do seu ordenado.

Máscaras

Foi o utensílio de proteção à covid-19 mais polémico em Portugal. Principalmente porque dividiu profissionais e instituições de saúde sobre o seu uso. Alguns disseram que deveriam ser usadas pela população em geral desde que a doença foi detetada, como fizeram outros países. Governo e DGS resistiram sempre, mas, aos poucos, foram cedendo, a partir de hoje o uso de máscaras passou a ser obrigatório nos transportes públicos e nos locais fechados. Cedo os portugueses descobriram que há vários tipos de máscaras e agora até são feitas em casa. “Tem máscaras?”, ainda é hoje uma das perguntas mais frequentes às portas das farmácias.

Pandemia

Foi decretada pela Organização Mundial de Saúde no dia 11 de março. Até este dia, este surto era considerado uma epidemia, mas, com o aumento do número de casos por todo o mundo, a OMS considerou necessário atualizar esta classificação. Isto acontece uma década depois da última pandemia mundial, devido à gripe das aves.

R0

Assim se chama o parâmetro com que a comunidade científica avalia a taxa de contágio por pessoa. Em Portugal é avaliado com base em dados de cinco dias consecutivos. Segundo a DGS, um R superior a 1 significa que existe a possibilidade de disseminação da infeção. Mas se for inferior a 1, a doença “é incapaz de se manter na população”. Na passada quinta-feira, António Costa revelou que Portugal tem agora um R de 0,92. “É preciso baixar o R”, é a palavra de ordem.

Segunda vaga

Muitos especialistas na área da saúde não têm dúvidas de que virá uma segunda vaga da covid-19. Alguns países até já a enfrentaram ou estão a enfrentar. Alguns governos que tiveram resultados mais positivos na primeira vaga estão já neste momento a ter como tema principal de discussão o que fazer na segunda vaga.

Tele...

Teletrabalho, telescola, telemedicina, teleconvívio, teleopinião. Já tudo isto existia antes da pandemia, mas agora entrou nas nossas vidas com uma intensidade nunca vista. Segundo um estudo recente da Universidade Europeia, metade dos

trabalhados portugueses está em teletrabalho. O que se pergunta agora é se o que estamos a viver é uma exceção ou será o novo normal?

Testes

Nunca se fizeram tantos testes clínicos como nestes últimos dois meses. Portugal é quarto país da União Europeia que mais testes realiza por milhão de habitantes (cerca de 350 mil). Também aqui aprendemos palavras novas, antes só usadas por alguns, como testes serológicos, que permitem medir a presença de anticorpos contra um vírus no sangue e se a pessoa esteve em contacto com o vírus e se adquiriu imunidade.

Vacina

Corre-se por ela e nunca se correu de forma tão rápida. Em apenas quatro meses, há já laboratórios a fazer testes em humanos, o que, em circunstâncias normais, demoraria cinco a seis anos. Muitos especialistas dizem, porém, que será difícil ter uma vacina antes de meados do próximo ano.

Ventiladores

Nunca se falou tanto nestes aparelhos de assistência respiratória, essenciais para doentes com problemas pulmonares mais graves. Segundo revelou a ministra da Saúde, no início de março, Portugal tinha 1142 ventiladores. Entretanto, foram comprados mais 1151 (ainda não chegaram todos), houve 247 doações e 140 entraram no SNS por empréstimo.

Wuhan

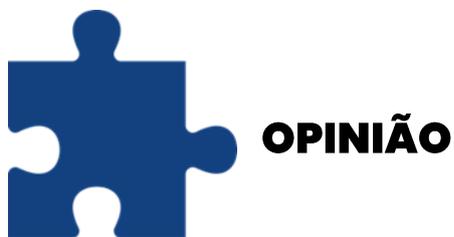
Onde tudo começou. A OMS emitiu o primeiro alerta para a doença em 31 de dezembro de 2019, depois das autoridades chinesas notificarem casos de uma

misteriosa pneumonia na cidade de Wuhan, metrópole chinesa com cerca de 11 milhões de habitantes. Era muito mais que isso. Poucas semanas depois vimos as imagens inéditas da primeira grande cidade do mundo em cerca sanitário e com ruas praticamente vazias.

Zaragatoa

Uma espécie cotonete com uma haste para recolher amostras para testes na zona da garganta e nas fossas nasais. Não faltam em Portugal graças a uma empresa de Vila Nova de Famalicão especialista em produtos de higiene, a Hidrofer, que adaptou algumas das suas máquinas para produzir zaragatoas. Consegue produzir 12 mil por hora, satisfazendo assim as necessidades do SNS.

Fonte: Público



UM NOVO PACTO ENTRE GERAÇÕES- DANIEL INNERARITY

"O contrato que sustenta nossas sociedades também deve equilibrar interesses entre aqueles com horizontes temporais diferentes e incentivos muito diferentes quando se preocupar com o futuro"

Dizem que os desastres afetam todos igualmente, que não conhecem fronteiras, mas não parece, pelo menos se olharmos para as fronteiras da idade. Esta pandemia de coronavírus ameaça principalmente os idosos, enquanto a crise

climática é mais prejudicial para os jovens, que sofrerão seus efeitos mais do que aqueles que a causaram ou não fizeram o suficiente para impedi-la. Por isso, foi possível afirmar que a crise do coronavírus é uma crise dos idosos e a crise climática é uma crise dos jovens. Dramatizando ao máximo esta tensão, o vice-governador do Texas criticou o confinamento e defendeu a continuidade da atividade econômica, garantindo, com lógica brutal, que os avós deveriam estar dispostos a morrer para salvar a economia de seus netos.

O contrato que fundamenta nossas sociedades não é apenas entre membros da mesma geração, como trabalhadores e proprietários atuais cujos interesses são negociados na negociação sindical típica. O contrato social também deve equilibrar interesses entre aqueles com diferentes horizontes temporais e incentivos muito diferentes para se preocupar com o futuro. Nas sociedades em envelhecimento, o equilíbrio é predominantemente inclinado a levar em consideração os interesses dos idosos, que pressionam mais que os jovens, não apenas porque é a geração que se formou politicamente em torno dos protestos de maio de 68, mas porque são mais. Dada a pirâmide populacional atual, defender os interesses dos jovens tem menos proveitos eleitorais do que assumir os dos idosos.

Faz parte da difícil arte da coexistência tornar compatível o que, a princípio, não parece. Onde houve um conflito, podemos descobrir uma possibilidade de reconciliação. O que estamos a constatar atualmente é uma grande mobilização daqueles em idade de trabalhar para cuidar da maioria dos aposentados. Uma

reconciliação intergeracional está a ocorrer nesta experiência comunitária involuntário.

UM AVISO PARA OS 'SAPIENS'—PEPE MUJICA

"Pergunto-me, somos humanos no limite biológico da nossa capacidade política?" Nada demais, disseram os gregos, porque tudo também tem limites e natureza, mas esquecemos. Não se deve navegar sem um leme, mas na globalização nós esquecemos. Foi impulsionado apenas pela força do mercado e da tecnologia e não havia consciência política nesse processo. O antigo liberalismo mudou, tornou-se "liberismo-mercado sem regras" e abandonou o humanismo. Hoje, se acreditasse em Deus, diria que a pandemia é um aviso para os sapiens.

A destruição do valor aumenta a pobreza. Diante do perigo, as pessoas refugiaram-se no Estado. Falam de nacionalização, reindustrialização, soberania sanitária e farmacêutica. Nacionalismos chauvinistas e baixos salários surgirão. Os escalões mais baixos da classe média ameaçada questionarão os governos e serão o clamor das ruas. O autoritarismo terá sua primavera, tal como as especulações, tentará apropriar-se dos bens a preço de saldo. Haverá quem peça solidariedade económica e financeira para os pobres do mundo e alguns gestos de milionários surgirão. Uns e outros serão como cantar para a lua.

Os bancos centrais do mundo rico inundarão seus países com dólares e euros. Se a cooperação falhar em mitigar a concorrência, haverá dramáticas tensões geopolíticas entre o Oriente e o Ocidente. Pergunto-me, somos humanos atingindo o limite biológico de nossa capacidade política? Seremos capazes de nos

redirecionar como espécie e não como classe ou país? Será a política capaz de se casar com a ciência? Vamos aprender a lição do desastre ao ver como a natureza revive? A medicina, o ensino, o trabalho digital e a automação afirmar-se-ão e entraremos em uma nova era? Haverá batalhões fortes de médicos capazes de lutar pela vida em qualquer lugar ou continuaremos a gastar três milhões de dólares por minuto em orçamentos militares? Tudo dependerá de nós.

FALTA DE SOLIDARIEDADE DA EUROPA – TIMOTHY GARTON ASH

"A recuperação do sul da UE será particularmente lenta e dolorosa, o que, entre outras consequências, daria à China mais oportunidades de" dividir e vencer "os vinte e sete"

A pandemia demonstra a necessidade de uma ação coletiva mais globalizada, e o resultado provavelmente será o oposto. Já nos está a conduzir a uma nova Guerra Fria entre os Estados Unidos e a China. Diante de tantos e imensos desafios, das mudanças climáticas aos prováveis efeitos catastróficos da pandemia no hemisfério sul, um novo confronto entre as grandes potências é o que o planeta menos precisa.

A Europa deve liderar o caminho para uma maior cooperação internacional, cujo exemplo mais elevado é precisamente a União Europeia (UE). Mas também não podemos ser excessivamente otimistas a esse respeito. Porque a pandemia, que pôs à prova as instituições nacionais e internacionais, também o fez com a UE e encontrou o calcanhar de Aquiles: o facto de ainda não termos o grau necessário de solidariedade entre os povos europeus para sustentar uma verdadeira união

monetária. Como historiador, estou cada vez mais convencido de que a decisão prematura de a implantar, sem ser em todos os pilares, foi o maior erro estratégico na história da integração. Como europeu comprometido, sei que devemos tentar fazê-lo funcionar. Confio que a Alemanha estará consciente da necessidade de aprovar empréstimos à recuperação e de partilhar o esforço.

Não é a primeira vez que a política externa da Europa deve começar pela própria Europa.

CONFLITOS DE MIGRAÇÃO-MOSES NAIM

“A lista dos 10 países mais populosos para o ano de 2050 é muito reveladora. Índia terá mais habitantes que China, Nigéria ficará em terceiro lugar”.

Essa pandemia é um ataque terrível a todos nós. Mas, antes que isso acontecesse, já havia tendências globais em andamento ainda mais ameaçadoras, que continuaram a moldar o mundo durante esta crise e continuarão à medida que esta esmorecer.

Um ponto perigoso é o aquecimento global. As suas manifestações são cada vez mais devastadoras e os dados dos cientistas cada vez mais alarmantes. Ainda mais alarmante é a incapacidade dos governos do mundo em enfrentar a crise climática. Talvez os futuros historiadores qualifiquem a atual pandemia como um ensaio geral para os acidentes climáticos que abalarão o planeta.

Outra tendência desses tempos é a exacerbação da desigualdade económica em determinados países. Sempre existiu, mas piorou e o covid-19 o acelerará. Também coincide com uma maior intolerância social e política em relação à distribuição

dos rendimentos, o que exacerba a polarização, paralisa os governos e enfraquece as democracias.

A rivalidade geopolítica entre os Estados Unidos e a China é outra tendência importante. As duas superpotências competem ferozmente pelo controle de mercados, finanças, tecnologia, grandes empresas, organizações internacionais, oceanos, espaço, informação e supremacia militar. O resto do mundo não se pode dar ao luxo de ser um espectador passivo nesta competição.

E a demografia nunca deve ser esquecida. A lista dos 10 países mais populosos para o ano de 2050 é muito reveladora. A Índia terá mais habitantes que a China, a Nigéria ficará em terceiro lugar (hoje é o sétimo) e a Rússia e o México desaparecerão da lista. Dos 10 países que terão mais pessoas em meados do século, cinco são asiáticos, três estão na África, o Brasil é o único latino-americano e os Estados Unidos o único dos mais desenvolvidos. As mudanças na estrutura demográfica do mundo promoverão a instabilidade internacional e intensificarão os conflitos criados pela migração.

Obviamente, tudo isso é apenas um esboço incompleto de algumas tendências que moldarão o mundo. Tão óbvio é que nem todas as mudanças expectáveis serão ameaçadoras. Existem também impulsos positivos e esperançosos. Mas antes de comemorar os aspectos positivos, precisamos garantir que essas ameaças não sejam mais devastadoras que o coronavírus.

AMANHÃ SERÁ PARA PESSOAS COMUNS- CHRISTOPHE GUILLUY

"Os invisíveis, aqueles que ontem" não eram nada ", demonstraram em poucas horas que eles eram, de facto, a engrenagem essencial da sociedade"

A crise da saúde revelou um facto evidente: as classes populares são indispensáveis para a sobrevivência de nossas sociedades. A pandemia destacou a utilidade social dessas camadas sociais. E a opinião pública conseguiu entendê-lo, pois, em 24 horas, os auxiliares e enfermeiros, mas também os distribuidores, os operadores de caixa registadora, os motoristas, os vendedores de jornais, os camionistas e os profissionais da higiene pública, tornaram-se heróis. Os invisíveis, aqueles que ontem "não eram nada", demonstraram em poucas horas que eles eram, de facto, a engrenagem essencial da sociedade. No entanto, são estas as classes que sofrem há décadas de insegurança social e, acima de tudo, de esquecimento cultural.

Desprezados e rebaixados, há dois anos não tinham existência nas conversas: é impressionante pensar que as pessoas que pertencem a essas categorias são precisamente, em grande parte, as que participaram do movimento dos coletes amarelos. Trabalhadores, trabalhadores independentes e assalariados com pouca ou nenhuma qualificação, que tiveram uma presença desproporcional no protesto, também o têm hoje entre aqueles que apoiam a economia.

As pessoas comuns que vestem colete há dois anos hoje vestiram uma bata branca e assim capturaram a atenção das classes dominantes e de todos aqueles que exercem profissões que são mais apreciadas e valorizadas economicamente, mas não necessariamente mais úteis numa crise. sanitário. Ao permanecerem nos

seus postos no meio de uma epidemia, enquanto muitos chefes e gestores estavam em teletrabalho ou se refugiavam nas segundas residências fora das grandes cidades, eles demonstraram sua força e utilidade.

A crise da saúde, que expôs a importância de fraturas sociais e culturais, está a sinalizar-nos algo. Embora seja difícil prever como será o "pós-pandemia", podemos afirmar que não fará sentido se não incluir a integração e o reconhecimento cultural das pessoas comuns. Caso contrário, tudo indica que o novo mundo não passará de uma cópia do antigo ..., mas, para pior.

O PIANO QUE VOCÊ PRECISA SABER TOCAR- TIM HARDFORD

"Com esta pandemia, estamos a aprender o que é resiliência"

Em 1975, o grande pianista de jazz Keith Jarrett teve de fazer um concerto na Ópera de Colónia, na Alemanha. O concerto não terminou em catástrofe: o piano no palco era velho, pequeno e desafinado. Mal podia ser tocado, mas ele não se sentiu intimidado. O resultado foi um triunfo: um dos mais bem-sucedidos discos de jazz ao vivo da história. Ao tentar adaptar-se ao piano que não era tocável, Jarrett encontrou uma fonte de inspiração e novas maneiras de tocar.

Jarrett é único, mas sua história não o é. A inovação geralmente surge diante de obstáculos perturbadores. Considere a história da eletrificação das fábricas nos Estados Unidos. O economista Paul David apontou que a energia elétrica e os motores elétricos foram totalmente desenvolvidos em 1890, mas a produtividade industrial não começou a crescer significativamente até a década de 1920.

Por que demorou tanto tempo? A capacidade dos novos motores só poderia ser totalmente explorada se as fábricas fossem redesenhadas e os trabalhadores tivessem funções reconfiguradas. Paul David mostrou que essas mudanças organizacionais tão necessárias não ocorreram até o início da Primeira Guerra Mundial. Uma tragédia terrível acabou por determinar uma necessidade de aumento da produtividade.

Espero que o mesmo aconteça com essa pandemia. Estamos a descobrir novas formas de trabalhar. A aprender a usar videoconferência. A descobrir que tecnologias ágeis, como a impressão 3D, são uma maneira de transformar fábricas paradas em fornecedores de hospitais. Estamos a aprender o que é resiliência.

A atual crise de saúde será seguida por uma crise econômica. No entanto, espero que, no futuro, olhemos para trás e compreendamos que o covid-19 era um piano que não podia ser tocado e que enfrentamos o desafio.

HAVERÁ MAIS EPIDEMIAS E ELAS SERÃO MAIS PERIGOSAS- JOSÉ MARIA MARTÍN MORENO

"A invasão humana de ambientes despovoados (onde existem patógenos desconhecidos para nós) facilita a disseminação de agentes infecciosos"

No calor da nova pandemia de coronavírus, uma ciência desconhecida emergiu como essencial: a epidemiologia. A RAE define como um tratado sobre epidemias.

Os epidemiologistas seguem um método que estuda a frequência, distribuição e outros fatores determinantes que geram saúde ou doença para melhorar a

prevenção e o controle de problemas de saúde. Isto pode ser aplicado a doenças crónicas (como câncer ou doenças cardíacas) ou exposições que apresentam risco ou benefício (como nutrição ou meio ambiente). Também lidamos com epidemias de doenças transmissíveis por microrganismos que afetam muitos. E uma epidemia torna-se uma pandemia se a disseminação se espalhar ao mesmo tempo em vários continentes e com casos por transmissão comunitária.

Haverá mais pandemias? Sabemos que esta não será a última e acreditamos que não será a mais perigosa. O tráfico de animais, as viagens rápidas de longa distância, a sobrelotação de cidades, as mudanças climáticas ou a invasão de ambientes anteriormente não povoados (onde existem patógenos desconhecidos) facilitam a disseminação de agentes infecciosos.

Na luta contra futuras pandemias, a agilidade da tomada de decisões será essencial. A combinação de métodos clássicos (deteção precoce, isolamento e quarentena) com a inteligência artificial, que permite rastrear os movimentos das pessoas, deve ser considerada. Mas, independentemente da quantidade de sofisticação tecnológica que alcancemos, haverá sempre a necessidade de pessoas qualificadas em epidemiologia, que colocam a inteligência e a emoção na concretização da sua missão. Esperamos que se invista em formação e em apoio à epidemiologia e à saúde pública, para o bem de todos.

EM DIREÇÃO ÀS “ CIDADES 15 MINUTOS ”- RICHARD SENNETT

"Precisamos de encontrar outras formas de densidade física que permitam que as pessoas se comuniquem, vejam vizinhos e participem da vida nas ruas, mesmo que sejam temporariamente separadas".

A pandemia apresenta aos urbanistas o desafio de repensar a arquitetura da densidade. Densidade é a lógica das cidades; a concentração de atividades estimula a atividade económica (por exemplo, com o "efeito de aglomeração"). A concentração populacional é um bom princípio ecológico para enfrentar as mudanças climáticas, economizando recursos de infraestrutura. Também é bom do ponto de vista social, porque, numa cidade densa e diversificada, as pessoas precisam de lidar com outras pessoas diferentes. No entanto, para evitar ou inibir futuras pandemias, certamente precisaremos encontrar outras formas de densidade física que permitam às pessoas comunicar-se, ver os vizinhos e participar da vida nas ruas, mesmo que sejam temporariamente separadas. No passado, os projetistas urbanos chineses encontraram esse tipo de flexibilidade nos pátios de shikumen. Arquitetos e projetistas precisam de repensar um equivalente contemporâneo.

Uma questão mais problemática para a densidade é o transporte. A vantagem do transporte público é reunir com eficiência um grande número de viajantes, mas essa não é uma forma saudável de densificação. Por este motivo, os projetistas de Paris e de Bogotá estão a estudar as chamadas "cidades de 15 minutos", nas quais a população pode viajar a pé ou de bicicleta até aos centros do núcleo urbano, em vez de viajarem por meios mecânicos para os centros. Percebê-los, no entanto,

exigirá uma revolução de mentalidades e económica, especialmente nas cidades em desenvolvimento, onde os locais de trabalho estão localizados longe dos espaços residenciais.

Isso destaca um grande problema: como conciliar e integrar a cidade próspera à cidade ecológica. Existem alguns pontos de encontro óbvios, mas a relação mais geral entre riqueza e respeito ao meio ambiente exige que repensemos radicalmente a densidade.

Fonte: El País

TRABALHAR JUNTOS PARA RECUPERAÇÃO GLOBAL

Não estaremos totalmente seguros até que todas as vilas, cidades, regiões e países estejam.

"A sorte sorri para mentes preparadas." Era o lema de Louis Pasteur, um dos principais cientistas do mundo, a quem devemos vacinas e avanços que salvaram milhões de vidas ao longo de três séculos.

Como no tempo de Pasteur, o mundo hoje enfrenta um vírus que destrói países e continentes, invadindo nossas casas e nossos corações. Um vírus que causou devastação e dor em todos os cantos do mundo, impedindo-nos de tocar as pessoas que amamos, de desfrutar de prazeres simples do dia a dia ou de visitarmos os lugares de que gostamos.

Este sacrifício e os esforços heroicos do pessoal de saúde e assistência ao redor do mundo ajudaram-nos a reverter a tendência em muitas partes do mundo.

Enquanto alguns saem cautelosamente do confinamento, outros ainda estão isolados e com restrições estritas à sua vida social e atividade profissional. As consequências podem ser especialmente dramáticas na África e no sul como um todo.

Mas há algo que afeta a todos igualmente: nenhum de nós pode imaginar ou prever com suficiente certeza o que a evolução da pandemia realmente nos reserva.

Por esse motivo, esta crise afeta-nos a todos. Nenhum de nós é imune à pandemia e nenhum de nós pode derrotar o vírus por conta própria. De facto, não estaremos completamente seguros até estarmos todos seguros; em todas as vilas, cidades, regiões e países do mundo. Em nosso mundo interconectado, a medida da força do sistema de saúde global nos é dada por sua parte mais fraca. Temos que proteger os outros para nos protegermos.

Isso nos apresenta um desafio único e verdadeiramente global, e nos coloca diante do imperativo de superá-lo, reunindo os melhores cientistas do mundo, os mais preparados para encontrar as vacinas, tratamentos e terapias de que precisamos para fazer nosso planeta voltar a ser um local saudável e, ao mesmo tempo, fortalecendo os sistemas de saúde, para que essas realizações alcancem a todos, prestando atenção especial à África.

Estamos progredindo no compromisso dos líderes do G20 de desenvolver uma resposta massiva e coordenada ao vírus. Apoiamos o pedido de ação conjunta da Organização Mundial da Saúde e de outros atores globais no setor da saúde. Para esse fim, lançamos recentemente um "acelerador" de acesso a ferramentas e

recursos no covid-19: uma plataforma de cooperação global para otimizar e expandir a pesquisa, desenvolvimento, acesso à vacina e sua distribuição equitativa, e outros tratamentos terapêuticos e diagnósticos vitais. Essa plataforma lançou as bases de uma verdadeira aliança internacional para combater a covid-19.

Estamos determinados a trabalhar juntos, com todos que compartilham nosso compromisso com a cooperação internacional. Estamos preparados para liderar e apoiar a resposta global.

Nosso objetivo é claro: em 4 de maio, na conferência de doadores on-line que organizamos, queremos obter um montante inicial de 7,5 bilhões de euros (US \$ 8,1 bilhões) para compensar a lacuna de financiamento global estimada pelo Conselho de Supervisão Copa do Mundo de Preparação e outras instituições.

Temos o prazer de reunir parceiros de todo o mundo. Todos nós colocaremos nossas contribuições em cima da mesa e os recursos que arrecadarmos impulsionarão uma cooperação global sem precedentes entre cientistas e reguladores, indústria e governos, organizações internacionais, fundações e profissionais de saúde. Apoiamos a Organização Mundial da Saúde e temos o prazer de unir forças nesse empreendimento com organizações experientes, como a Fundação Bill e Melinda Gates e o Wellcome Trust.

Cada euro ou dólar que coletarmos será canalizado principalmente por organizações de saúde de renome mundial, como CEPI, Aliança Global para Vacinas e Imunização, com a ajuda do Fundo Global e da UnitAid para ajudar o mundo a superar a pandemia, desenvolvendo diagnósticos, tratamentos e

vacinas e generalizando sua administração o mais rápido possível. Se conseguirmos desenvolver uma vacina produzida por meio de colaboração global e mundial, teremos alcançado um bem público global único do século 21, que disponibilizaremos a todos, de forma acessível, com a ajuda de nossos parceiros. É um dever de nossa geração e sabemos que podemos fazer isso acontecer. Tecnologias de saúde de baixo custo e alta qualidade não são um sonho. Nas últimas duas décadas, já vimos como a colaboração público-privada conseguiu entregar vacinas que salvam vidas às pessoas mais pobres.

Sabemos que esta corrida será longa. A partir de hoje, correremos em direção ao nosso primeiro objetivo, mas já estamos preparados para uma maratona. Com o objetivo atual, apenas as necessidades iniciais serão atendidas. A produção e entrega globais de medicamentos exigirão recursos muito maiores que esse objetivo.

Juntos, devemos garantir a mobilização de recursos suficientes e o progresso no sentido do acesso universal à vacinação, tratamento e testes.

Este é um momento decisivo para a humanidade. Ao nos unirmos hoje em torno da ciência e da solidariedade, amanhã estamos semeando as sementes de uma maior unidade. Com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em mente, podemos redefinir o poder da comunidade, da sociedade e da colaboração global para garantir que ninguém seja deixado para trás.

O mundo inteiro se levantou contra a covid-19. Juntos vamos vencer.

Giuseppe Conte, Presidente do Governo da Itália; **Emmanuel Macron**, Presidente da França; **Angela Merkel**, chanceler da Alemanha; **Charles Michel**, Presidente do Conselho Europeu; **Erna Solberg**, Primeira Ministra da Noruega, e **Ursula von der Leyen**, Presidente da Comissão Europeia.

